

ESQUEMA DE ANTONIO CANDIDO OU ESPELHAMENTO HERMENÊUTICO NOS MODOS DE LER MACHADO DE ASSIS

SCHEME ANTONIO CANDIDO OR HERMENEUTICAL MIRRORING IN THE WAYS OF READING MACHADO DE ASSIS

ROGÉRIO DE ALMEIDA¹

RESUMO: Trata-se de um estudo hermenêutico, a partir da descrição fenomenológica de “Esquema de Machado de Assis”, do modo como Antonio Candido leu Machado. Ao nos aprofundarmos nos meandros do texto candiano e esmiuçar as perspectivas interpretativas que colhe no mapa da fortuna crítica de então, somos confrontados por sua tentativa de fazer emergir dos subterrâneos da escrita um tratamento crítico do tecido social brasileiro que o escritor teria escondido no universo oculto de sua prosa. O contributo de Candido, leitor de Machado, é no entanto muito maior que o de apresentar sua própria interpretação, pois ao flagrar nos seus críticos uma variedade de modos de interpretar, ampliou as possibilidades de espelhamentos hermenêuticos provocados por Machado, cada vez mais multifacetado pelos modos díspares com que é lido.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido, Machado de Assis, fortuna crítica, recepção crítica, hermenêutica.

ABSTRACT: This is a hermeneutic study, with a phenomenological description of “Esquema de Machado de Assis”, of the way Antonio Candido read Machado. As we delve into the ins and outs of the Candido’s text and scrutinize the interpretive perspectives that it harvests in map of the critical fortune of then, we are confronted by his attempt to emerge from the undergrounds of writing a critical treatment of the Brazilian social relations that the writer would have hidden in the occult universe of his prose. The contribution of Candido, reader of Machado, is, however, much greater than that of presenting his own interpretation, because by catching in his critics a variety of ways of interpreting, he extended the possibilities of hermeneutical mirrors provoked by Machado, increasingly multifaceted by different ways in which it is read.

KEYWORDS: Antonio Candido, Machado de Assis, critical fortune, critical reception, hermeneutics.

1 Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

As sucessivas gerações de leitores e críticos brasileiros foram encontrando níveis diferentes em Machado de Assis, estimando-o por motivos diversos e vendo nele um grande escritor devido a qualidades por vezes contraditórias. O mais curioso é que provavelmente todas essas interpretações são justas, porque ao apanhar um ângulo não podemos deixar de ao menos pressentir os outros.

Antonio Candido (1995, p. 18)

Introdução

Não são nem um pouco desprezíveis as contradições que parecem acompanhar as leituras de Machado de Assis, e nada mais adequado, já que o mesmo escritor pôs na boca de Deus a síntese da humanidade em “A Igreja do Diabo”, ao advertir a este que o homem é uma eterna contradição. Uma dessas contradições é o modo como angaria admiração e contrariedade, reconhecimento e consternação, principalmente entre seus intérpretes, como é o caso de Afrânio Coutinho (1959), para quem o inconformismo de sua origem social e racial era matriz do ódio que nutria à humanidade; Alfredo Bosi (2006, 2007), que ao lado de um profundo interesse, do qual brotaram dois belos livros, *Brás Cubas em três versões* e *Machado de Assis: o enigma do olhar*, ressentia por sua visão negativa da humanidade, como aparece em *Ideologia e Contraideologia*, em que lamenta seu “ceticismo radical” (BOSI, 2010, p. 421); ou mesmo Mário de Andrade, cuja contrariedade mistura a admiração ao gênio com a impossibilidade de amá-lo, embora reconheça a “multiplicidade de interpretações a que está sujeita sua obra (ANDRADE, 1972, p. 90).

Notória também é a singularidade da relação de Antonio Candido com a obra machadiana, que se bem a conhecia e a interpretava com lucidez, como testemunham os poucos escritos que sobre ela nos legou, não deixava, por outro lado, de lhe dedicar epítetos ambíguos: “enigmático”, “bifronte”, “poderoso”, “atormentado”, “filosofante” (Candido, 1995, p. 17-19). Parece incomodar ao crítico o modo “fatal”, “permanente” (Candido, 2017, p. 10) como Machado con-

cebe o homem, ignorando as circunstâncias históricas. Não é exagero conjecturar, portanto, um descompasso hermenêutico entre ambos, já que Machado fatalista contradiz as expectativas de mudança da condição humana pela transformação histórico-social que emanam do pensamento sociológico de Candido.

Se não está aí a razão das poucas páginas que o sociólogo dedicou ao escritor – não é anêmica tal especulação –, resta ao menos a hipótese de as ter dedicado à altura do escritor, pois seu célebre “Esquema de Machado de Assis” é uma pioneira síntese da recepção crítica do autor, só recentemente ultrapassada pela extensiva pesquisa de Hélio de Seixas Guimarães (2004, 2017), que se inspirou não só do exercício hermenêutico de Candido como se beneficiou da crítica influenciada por sua leitura, como a de Bosi (2006, 2007) e Schwarz (2000), entre tantos e tantos outros.

Há outras páginas de Candido dedicadas a Machado, como destaca Ieda Lebensztayn na apresentação de “*Duas notas*” e “*prefácio de um livro*”, republicados pela Machado de Assis em Linha:

“Música e música”, que levou Tristão e Fidélia ao Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* em 1958, foi publicado em *O observador literário* (1959) (...) A respeito de Xavier de Maistre e das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a *Revista USP*, em 1989, estampou “À roda do quarto e da vida”, coligido em 1993 em *Recortes*. Nesse livro se lê também «Machado de Assis de outro modo», sobre Roger Bastide, artigo cuja versão inicial saiu em *II Colóquio UERJ: a interpretação*, em 1990. (CANDIDO, 2017, p. 4)

Sobre “*Duas Notas*” e “*Prefácio de um livro*”, trata-se de publicações de, respectivamente, 1947, que saiu no rodapé semanal “*Notas de Crítica Literária*”, do *Diário de S. Paulo*, e 1958 no *O Estado de S. Paulo*. São textos que datam, portanto, de antes do “*Esquema*”, apresentado em 1968 nas Universidades da Flórida (Gainesville) e Wisconsin (Madison) e depois publicada *Vários Escritos* (1970).

Conquanto pese nesses ensaios complementares o olhar penetrante do crítico, são pontuais e fragmentados, lançam luz a um ou outro aspecto de sua obra, um traço de seu estilo, uma inclinação de seu pensamento, menos interessantes, portanto, em flagrar os modos de interpretação buscados no “*Esquema*”. Por essa razão, este artigo, cujo objetivo é refletir sobre como Candido leu (e não leu) Machado – considerando que as lacunas são reveladoras –, centrar-

-se-á numa descrição densa do referido ensaio, ao modo fenomenológico, para então propor uma compreensão hermenêutica de seu olhar, isto é, dos sentidos que atribui (e deixa de atribuir) à obra machadiana. Nesta etapa, pelo efeito comparativo, “Duas Notas” será evocado, pois contribui para compreendermos a evolução do seu modo de ler Machado.

Esquema de Machado de Assis

O texto publicado pela primeira vez em 1970, ainda que escrito dois anos antes e apresentado em conferências nos Estados Unidos, está dividido em 3 partes e não ultrapassa 17 páginas.

Na primeira parte, Antonio Candido traça um esboço biográfico de Machado de Assis para se desfazer de certa leitura, considerada exagerada, que o associava ao tema do “gênio *versus* destino” (Candido, 1995, p. 15). Seus tormentos – “origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa” (p. 15) – não excedem ao de toda gente. Pelo contrário, visto com atenção, Machado teve uma “vida plácida”, nas palavras do crítico, gozando de prestígio tanto em sua carreira de funcionário público quanto na de escritor, celebrado em vida e reconhecido como «uma espécie de patriarca das letras» (p. 16), presidindo até a morte a Academia Brasileira de Letras, da qual foi um dos mentores. Candido não deixa de notar também sua mesquinhez, cuja inclinação ao “espírito de grupo” o levou a admitir membros sem expressão, como Carlos Magalhães de Azeredo e Mário de Andrade, barrando em contrapartida Emílio de Meneses, por razões outras que não estavam necessariamente ligadas a “motivos de ordem intelectual” (p. 16).

O texto destaca, ainda nessa primeira parte, a contrapartida, definida como “irônica” pelo crítico literário, de não ter gozado o escritor de reconhecimento internacional, circunstância que lhe parece “chocante”, pois haveria em sua literatura “alguns dos temas que seriam característicos da ficção do século XX”. Tal reconhecimento internacional teria vindo, portanto, tardiamente, na própria década de 1960 (quando Candido escreve), mas em outro contexto de recepção, já que adaptou-se “ao espírito do tempo, significando alguma coisa para as gerações que leram Proust e Kafka, Faulkner e Camus, Joyce e Borges” (p. 17).

Outro ponto importante dessa primeira parte do ensaio é o reconhecimento de que Machado escondia “um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente de suas histórias *que todos podiam ler*”. Essa ambiguidade literária parece corresponder à sua própria vida, que apesar de convencional e burguesa escondia, nas palavras de Candido,

um escritor poderoso e atormentado, que recobria seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade (CANDIDO, 2005, p. 18).

Este, portanto, o primeiro traço do esquema de Machado: uma “prosa elegante” que encobre “desmedidas surpresas”. O tom humorístico e o encanto do estilo seriam disfarces de um “universo oculto” (p. 18).

A segunda parte do ensaio é dedicada ao levantamento histórico da recepção machadiana. A revisão da fortuna crítica empreendida por Candido, à maneira de Jean-Michel Massa, remonta ao modo como era lido ainda em vida, mais especificamente a partir da maturidade. *Finura* é a palavra escolhida pelo crítico para sintetizar esse primeiro modo de ler Machado: “ironia *fina*, estilo *refinado*” (p. 18). Esse gosto pelos subentendidos, pelas alusões e eufemismos contratava com a descrição da vida fisiológica em voga entre os naturalistas. Por outro lado, também se associava sua prosa ao desencanto, ao pessimismo.

O que não há dúvida é que essas primeiras gerações encontraram nele uma *filosofia* bastante ácida para dar impressão de ousadia, mas expressa de um modo elegante e comedido, que tranquilizava e fazia da sua leitura uma experiência agradável e sem maiores consequências (p. 19).

Este primeiro Machado de Assis, “*filosofante* e castiço” aparece nas leituras de Oliveira Lima, em Alcides Maya, o primeiro a salientar seu humor de tipo inglês, em Alfredo Pujol e mesmo em Graça Aranha. O segundo Machado advém de 1930, com as interpretações de Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer e Mário Matos, em que se estabelece a relação entre vida e obra. Candido chama atenção para os excessos do período, que viu surgir, sob a “sombra obsoleta de

Lombroso”, diagnósticos abusivos levantados de pretensos sintomas colhidos na obra e no pouco que se sabia sobre a vida. Entretanto, o melhor do período foi a possibilidade de perscrutar mais profundamente, por um viés psicológico, o que não se mostra na superfície. É assim que Augusto Meyer relaciona a obra machadiana ao *homem subterrâneo* de Dostoievski e ao ser múltiplo de Pirandello. Somemos à contribuição de Lúcia Miguel Pereira e chegaremos ao criador de um “mundo paradoxal”, “cronista do absurdo” (p. 21). É verdade que a “reversibilidade de interpretação” – termo de Candido –, pela qual a vida do autor serve de apoio para a obra e vice-versa, principalmente quando praticada em excesso, termina por colocar uma nota negativa nesse segundo momento hermenêutico, no entanto sem obscurecer a profundidade das análises, que foram além da máscara de *ironista ameno* que se atribuía ao autor.

O terceiro Machado irrompe no decênio de 1940, quando Barreto filho, valendo-se da “filosofia (sobretudo cristã)” (p. 21), o aborda por um ângulo metafísico. É a angústia existencial o fator preponderante da obra. Astrojildo Pereira, por sua vez, ainda que com excessos, joga luz, num viés sociológico, sobre o aspecto documental – e portanto eventual – da obra. Esse novo momento enseja leituras díspares, que ultrapassam os psicologismos e biografismos, como a guinada filosófica de Afrânio Coutinho ou o reconhecimento de que Machado “sentiu a natureza de seu país”, tese defendida por Roger Bastide, para quem o escritor soube incorporá-la à filigrana da narrativa. Registra-se também o novo enfoque de Lúcia Miguel Pereira e o estudo de Dirce Cortes Riedel, voltados para a “natureza do tempo” (p. 21).

Na terceira e última parte de seu ensaio, Antonio Candido apresenta sua própria leitura de Machado, sustentada por uma lista de ocorrências que ilustram sua argumentação, além de justificar a hipótese sobre a originalidade e atualidade da obra machadiana.

A exposição do crítico se inicia com a constatação de um certo deslocamento do autor, cuja técnica literária aparece despegada das modas de sua época. Por outro lado, seu estilo arcaizante, mais afeito ao século XVIII que ao XIX (a influência de Sterne é incontornável), guarda relação com o moderno, principalmente depois das tendências de vanguarda do século XX, pois sugerem, de acordo com Candido, “o todo pelo fragmento, a estrutura pela elipse, a emoção pela ironia e a grandeza pela banalidade” (p. 22). Os finais abertos, a possibilidade de dupla leitura e o estilo “imparcial” adotado por Machado, sua “técnica de espectador”,

garantiriam uma “matriz formal”, o *tom machadiano*, com o qual funde lucidez e desencanto em uma obra profunda e complexa.

Candido enuncia então o que é, para ele, o cerne da fórmula machadiana, seu esquema, por assim dizer:

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície. (p. 23)

Candido enumera, na sequência, alguns casos que comprovariam sua tese, ilustrados com passagens pinçadas da obra. São seis temas, ou modos de proceder, que perfazem o esquema machadiano:

1. A identidade. Ou “o problema da divisão do ser ou do desdobramento da personalidade”, ou ainda os “limites da razão e da loucura” (p. 23). O conto “O Espelho” e “O Alienista” ilustram o tema, esgarçado até o limite da relatividade. O eu é a opinião dos outros, a alma interna é dependente da alma externa, do traço social, do mesmo modo que a loucura só se define a partir da normalidade, que só se define a partir da loucura. Candido chama a atenção para um modo de tratar o tema que só entraria em voga com Pirandello, depois de 1920.
2. Fato real e fato imaginado. A prosa machadiana borra as fronteiras entre o que aconteceu e o que pensamos que aconteceu. *Dom Casmurro* é evidentemente o exemplo mais bem acabado: «o real pode ser o que parece real» (p. 26). Candido não cita, mas Machado lapida tal ideia no conto «O Segredo do Bonzo»: «se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente» (ASSIS, 2008, p. 71).
3. O sentido do ato. Candido interroga, numa perspectiva existencialista, em voga quando o ensaio foi escrito, se somos algo a mais que o ato que nos exprime. “Será a vida mais do que uma cadeia de opções?” (p. 26). A ilustração do tema vem com *Esau e Jacó* no qual, como se sabe, Flora morre sem con-

seguir escolher entre Pedro e Paulo, os gêmeos antagônicos que aparecem como metades que se complementam.

4. A perfeição. O tema anterior se completa, na análise de *Candido*, com o da “obra total”, perfeita, que no entanto não é atingida. É o caso de “Um homem célebre”, na qual Pestana não logra saltar das polcas populares à sonata erudita. *Candido* poderia ter citado também “*Cantiga de esponsais*”, em que o maestro Romão Pires, a despeito de seu reconhecido talento para a regência, se mostra incapaz de compor uma obra própria.
5. A moral. O crítico literário aponta para a inevitável continuidade das relativizações também neste campo. O modo como formulou a questão merece transcrição:

se a fantasia funciona como realidade; se não conseguimos agir senão mutilando o nosso eu; se o que há de mais profundo em nós é no fim das contas a opinião dos outros; se estamos condenados a não atingir o que nos parece realmente valioso, qual a diferença entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado? (CANDIDO, 1995, p. 27)

Inevitável não referenciar aqui *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que termina por relativizar a própria vida, narrada por um morto. Surge, então, o que *Candido* chama de “sentimento do absurdo, do ato sem origem e do juízo sem fundamento”, como em Kafka, Gide e, anteriormente, Dostoiévski. É o caso também do conto “*Singular Ocorrência*” que explora a singularidade de um ato contraditório.

6. O último tema, o preferido de *Candido*, segundo suas palavras, é o da falta de liberdade ou, em suas palavras, da “transformação do homem em objeto do homem” (p. 28), ao qual liga a teoria do Humanitismo, expressa por Quincas Borba, personagem habitante tanto de *Memórias póstumas* quanto do romance que leva seu nome. *Candido* não deixa de notar a relação do Humanitismo com o Positivismo, o Naturalismo e a teoria darwiniana, seja no registro da sátira, como interpreta Barreto Filho, seja no de uma conotação mais ampla, em que o homem aparece como um “ser devorador” (p. 28), abrindo caminho, por meio da relação com os conceitos de alienação e reificação, para

a crítica social de matriz marxista, que será explorada posteriormente por Roberto Schwarz (2000).

Candido ilustra o tema com o romance *Quincas Borba* e o conto “A causa secreta”, para arrematar com a avaliação de que se Machado não fosse mais do que um ironista desencantado (primeira geração de críticos) ou mesmo um perscrutador das situações psicológicas ambíguas (segunda geração), sua obra não teria “um interesse mais largo, proveniente do fato de haver incluído discretamente um estranho fio social na tela do seu relativismo” (p. 31). Emerge, então, da leitura de Candido, um Machado que compreende em profundidade as “estruturas sociais”. Seus personagens mais desagradáveis e terríveis seriam burgueses impecáveis, afeitos aos costumes de sua classe, mas que agem, seduzidos pelo lucro e pelo prestígio, transformando os outros em objetos.

Encerrada lista de seis temas, Candido conclui sua exposição com dois parágrafos auto-avaliativos, nos quais diz que seu esquema é de “um certo Machado de Assis, porque descreve sobretudo o escritor subterrâneo” (p. 31), em alusão à leitura de Augusto Meyer. Candido rechaça, portanto, o Machado de Assis anedótico e trivial, que às vezes chega perto de “uma certa afetação constrangedora” (p. 31), ou mesmo o Machado de Assis “engraçado e engenhoso, movido por uma espécie de prazer narrativo que o leva a engendrar ocorrências e tecer complicações facilmente solúveis” (p. 32), embora reconheça que é deste último Machado que “vem o tom, ocasional e reticente, digressivo e coloquial da maioria de seus contos e romances” (p. 32), de modo que atinja, no trânsito de um Machado a outro, o “mundo estranho” que justificaria a potência de sua literatura. Entretanto, se Candido constata uma diversidade de Machados também reconhece que eles perfazem uma unidade, recomendando que nosso interesse recaia, ao ler Machado, nas *situações ficcionais* que ele engendrou. É aí que reside a potência de sua literatura, que qualquer palestra seria incapaz sequer de sugerir. E não se trata de exercício, aliás dispensável, de modéstia do crítico, mas da reiteração da imagem de mistério e estranheza que ele identifica no autor como intraduzível. Daí sua recomendação final: “O melhor que posso fazer é aconselhar a cada um que esqueça o que eu disse, compendiando os críticos, e abra diretamente os livros de Machado de Assis” (p. 32).

Candido, leitor de Machado

Se o crítico reconhece a potência da obra machadiana na riqueza de significados que condensa, o que instiga sempre a novas interpretações, a mesma fórmula vale para este ensaio de Candido, cuja polivalência de significados permite, para aplicar as palavras que dedica a Machado, “que cada grupo e cada época encontrem as suas obsessões e as suas necessidades de expressão” (p. 18).

Esse movimento, em que cada grupo e cada época projeta no que lê justamente o que *quer ler*, movimento que Hélio de Seixas Guimarães (2008, p. 273-292) detecta com a metáfora do espelho estilhaçado no qual os intérpretes, após juntar os cacos, miram em busca de uma unidade que só pode ser a imagem que eles mesmos projetaram, é o que chamei, em outro lugar (ALMEIDA, 2015), de “espelhamento hermenêutico”. O conceito é inspirado em Paul Ricoeur, que compreende o exercício interpretativo como a busca de uma proposição de mundo que emerge do texto. Não se trata, portanto, de remontar a intenção do autor ao escrever a obra, seu pensamento latente ou oculto, mas de dialogar com o mundo do texto. Esse diálogo, para se constituir como diálogo, requer que o mundo proposto pelo texto seja confrontado com as proposições de mundo possíveis no próprio intérprete. Em suas próprias palavras:

Aquilo de que finalmente me aproprio é uma proposição de mundo. Essa proposição não se encontra atrás do texto, como uma espécie de intenção oculta, mas diante dele, como aquilo que a obra desvende, descobre, revela. Por conseguinte, compreender é compreender-se diante do texto (RICOEUR, 2008, p. 57-58).

Que significa isso? Que o intérprete não apreende um sentido que lhe seja alheio, como se descobrisse um tesouro enterrado, mas que participa justamente da elaboração desse sentido que encontra na obra. Não quer dizer, o que seria radical e insólito, que o intérprete cria o sentido que quiser e o coloca na obra que interpreta, mas que estabelece um diálogo com o texto de modo que a proposição de mundo resultante desse exercício, os cacos remontados na alegoria de Seixas Guimarães, se aproxime de um *denominador comum*, por assim dizer, das proposições de mundo em diálogo. É por isso que a compreensão a que chego de um texto é a compreensão de mim mesmo diante do texto, pois ele

funciona como um espelho em que me vejo, ou melhor, um espelho que, para além da superfície (o texto), reflete o que penso (o sentido do texto).

É o que Antonio Candido mostra quando esquematiza as mudanças de enfoque da fortuna crítica machadiana. As transformações pelas quais passam as artes, as ciências, a história, e assim por diante, criam condições seja para o esquecimento de dadas obras, que ficam congeladas no tempo em que foram elaboradas, seja para sua renovação, cuja atualidade se verifica pelo potencial de gerar novas interpretações. Por essa lógica, não é difícil compreender por que levou tanto tempo para que surgisse a hipótese da não traição de Capitu em *Dom Casmurro*. Foi apenas em 1960 que Helen Caldwell (2002) logrou ler a obra a partir de duas perspectivas cruciais para a sustentação da hipótese: a ausência da perspectiva de Capitu, já que a narração se desenrola unilateralmente; e a comparação com *Otelo* de Shakespeare. E se fosse Capitu inocente como Desdêmona, vítima da ideia fixa do marido? E se as provas que convenceram Bentinho não passaram de ilações sem correspondência com a realidade produzidas por sua mente doentia? Não teria sido o Casmurro um intérprete que encontrou em Capitu o texto que quis ler?

Assim, se de fato espelhamos hermeneuticamente na interpretação que realizamos os sentidos que nos habitam, cabe perguntar o que foi que efetivamente o crítico encontrou no escritor. Nesse exercício de ler o Candido leitor de Machado, salta aos olhos a recorrência da imagem do que é secreto, do que está escondido, de uma profundidade não aparente, verdadeiramente estranha, na obra machadiana. Vejamos alguns casos: “escondendo um mundo” (p. 17), “esconde suas riquezas mais profundas” (p. 23), depois “camadas profundas” (p. 20), “profundezas” (p. 22), “o que há de mais profundo” (p. 27), “sentimento profundo” (p. 27), “senso profundo” (p. 31), “universo oculto” (p. 18), “mundo estranho e original” (p. 17), “casos estranhos” (p. 22), “estranho fio social” (p. 31), “portal de um mundo estranho” (p. 32), ou mesmo “terrível” (p. 30 e 31). Mais do que coletar epítetos, o que se observa é a reiteração de uma ideia que permeia a interpretação machadiana expressa lapidarmente, como já citado, na página 23, início da terceira parte do ensaio, quando afirma que Machado sugere “as coisas mais tremendas da maneira mais cândida”, isto é, contrasta a limpidez da superfície, sua normalidade por assim dizer, com o que há de estranho e perturbador na profundidade, que jaz escondida.

Ao fim e ao cabo, o que Antonio Candido *quer ler* no Machado, e para isso se vale dos críticos que o antecederam, é essa camada não aparente, mais profunda e, por isso mesmo, anormal, que subjaz aos arcaísmos, convencionalismos e gracejos de seu estilo impessoal. O crítico perscruta a ponta de um mistério que, quando puxado, tal qual a linha de uma rede, trará à tona toda uma gama de temas, ou de perspectivas, aparentemente invisíveis.

Nesse movimento, Machado não só se atualiza, tornado sempre e novamente contemporâneo por seus intérpretes, como se diversifica, com novas camadas cada vez mais profundas, atingidas pelo olhar prospectivo de seus melhores leitores. E não reside nesta constatação – a se crer que assim seja – nenhuma crítica negativa, nenhuma ressalva ou qualquer tentativa de superação. Há um grau de relativismo no processo de investigação hermenêutica que, parece, não pode ser descartado. E é neste ensejo, de assumir que o sentido é relativo, que melhor nos aproximamos da própria relatividade empregada por Machado.

Se quiséssemos seguir por esse caminho, talvez valesse aqui substituir o termo relativismo por perspectivismo, mas então estaríamos nos referindo já a uma outra corrente hermenêutica, que aproxima Machado de Assis de seu contemporâneo, ainda que desconhecido, Friedrich Nietzsche. Como ambos foram influenciados por Artur Schopenhauer, é de se supor que algo em comum tenha subsistido dessa leitura, seja o perspectivismo² (CARREIRO, 2012), que postula que os pontos de vista não podem ser externos ao mundo, pois o conhecimento não é sua representação, mas um modo comprometido de interpretá-lo, seja o pensamento trágico (HANSEN, 2006; MOTTA, 2006; ALMEIDA, 2015), cuja constatação do absurdo do mundo Nietzsche compartilha com Schopenhauer, embora proponha um encaminhamento diametralmente oposto ao deste, ao recomendar que a afirmação da vida, tal como aparece expresso no conceito de *amor fati*, englobe inclusive o sofrimento e os aspectos mais negativos da existência: “fórmula da afirmação máxima, da plenitude, da abundância, um dizer sim sem reservas, até mesmo ao sofrimento, à própria culpa, a tudo o que é problemático e estranho na existência” (NIETZSCHE, 1995, p. 118).

É interessante observar que, em certo sentido, Antonio Candido capta justamente esse mesmo aspecto estranho, absurdo da existência: “este sentimen-

2 Miguel Reale (1982), em seu estudo clássico *A filosofia na obra de Machado de Assis* já havia notado esse perspectivismo, mas associado à influência de Pirandello.

to profundo da relatividade total dos atos, da impossibilidade de os conceituar adequadamente, dá lugar ao sentimento do absurdo, do ato sem origem e do juízo sem fundamento (...)” (CANDIDO, 1995, p. 27), associando, entretanto, essa ausência de sentido da existência não a Schopenhauer ou Nietzsche, mas a Kafka e Pirandello, isto é, com uma avaliação negativa, semelhante ao sentido de “ceticismo radical” escolhido por Alfredo Bosi para o qualificar.

Contudo, Antonio Candido não avança mais que essa breve constatação, deixando em seu texto as sementes que germinarão outras perspectivas hermenêuticas, como as citadas e as que ficam, dada sua prolixidade, por citar. Porque efetivamente o crítico não está interessado – esta é minha hipótese – *no* Machado subterrâneo, mas em *como* este Machado subterrâneo permite que emergja uma crítica, mesmo que disfarçada, ao tecido social da sociedade de seu tempo.

Essa perspectiva aparece textualmente na página 31, quando Candido diz reconhecer um “estranho fio social na tela do seu relativismo”, revelador do “senso profundo, nada documentário, do *status*, do duelo dos salões, do movimento das camadas, da potência do dinheiro”. Machado estaria então, ainda que com a *imparcialidade* que caracteriza seu estilo, denunciando a “transformação do homem em objeto do homem” (p. 28), tema que o crítico confessa ser o mais atrativo aos seus olhos de leitor.

Desse modo, o escritor subterrâneo manteria uma relação dialética com o escritor da superfície (convencional, engraçado etc.), ao injetar, principalmente nos personagens burgueses que narram em primeira pessoa os romances da maturidade, doses suficientes de contradição para revelar o motor injusto que movimenta a sociedade burguesa do Brasil escravocrata, patrimonialista, de espírito colonial e profundamente contraditória dos noventa.

De fato, e aqui não pairam dúvidas, Machado estampou as assimetrias das relações sociais vigentes na sociedade que retratou, inclusive esmiuçando o descaramento das justificativas, sempre infundadas, para o modo de agir das classes dominantes, como fica claro diversas vezes ao longo de *Memórias* póstumas. O que não fica claro em seus textos é se condenava particularmente essas assimetrias – que Raymundo Faoro (1988) em livro de 1974 associou às imagens do trapézio e do triângulo – quando consideradas em relação às demais. Se a sua perspectiva é a mesma da Pandora que aparece em “O Delírio”, capítulo VII das *Memórias*, então persiste a indiferença, ou melhor, a impossibilidade de superação dialética dos contrários, como aparece de maneira vasta em sua obra,

que ostenta, em contrapartida, numerosas situações irreconciliáveis, em que os opostos coincidem, como é o caso do exemplar “A igreja do Diabo” e sua síntese sobre a “eterna contradição humana”. Se o homem é contraditório, não o seria também a vida social?

Não há resposta definitiva para essa questão, embora se sustentem apostas que endossam a perspectiva candiana, como a de Roberto Schwarz, que pode ser sintetizada com a reprodução de suas próprias palavras: “(...) descobri – talvez tenha me enganado, mas em todo caso creio ter descoberto – que o que dá um mordente particular à ficção dele [Machado] é um sentimento agudo de injustiça de classe que se manifesta de maneiras muito veladas” (SCHWARZ, 1991, p. 64).

Conquanto a tese de Schwarz – Machado teria se valido da forma literária para desmascarar as injustiças das elites – seja robustamente desenvolvida, seu germen está no *Esquema* de Candido, de quem também toma de empréstimo o método crítico, como está fartamente documentado. O que, entretanto, parece ser mais revelador no “Esquema” de Candido é o modo como se vale da fortuna crítica, e em especial da ideia de *homem subterrâneo* desenvolvida por Augusto Meyer, para hermeneuticamente abrir uma brecha por onde pudesse escoar alguma tinta de crítica social, mesmo que pouca, mas que ousasse tingir de esperança os olhos do sociólogo em busca de saídas para as injustiças de classe que estruturam historicamente a sociedade brasileira.

Nesse sentido, registra-se sua evolução interpretativa em relação a um texto publicado em 1947, 20 anos antes de “Esquema”, quando contava com menos de 30 anos de idade, e que apesar de brevíssimo traz a riqueza de sentidos que é peculiar à sua obra. Trata-se de “Duas Notas”. A primeira é sobre a obra de Machado, a segunda sobre consciência de classe.

Logo de partida, Candido afirma que há coisas “demoníacas” em Machado, como os “sadismos de desforra” e “a pachorra com que humilha os personagens”. Mais do que isso, há circunstâncias e episódios que “mortificam, não apenas a humanidade de cada personagem, como de todos os homens” (CANDIDO, 2017, p. 8). O autor ilustra o primeiro caso com os sofrimentos de Rubião, e o segundo com a invenção “macabra” dos gêmeos de *Esau e Jacó*.

Candido então se refere ao que chama de “filosofia dos limites, das fronteiras”:

Posto na linha divisória dos problemas, o homem machadiano tem vista para os dois lados e os vê imparcialmente. A indecisão o paralisa, todos os valores se nivelam e só resta o impulso obscuro da vontade de viver, que não conhece discriminação de espécie alguma. Mas como a indecisão paralisa, o próprio impulso de vida se desfibra, e a filosofia de Machado, que através do humanitismo de Quincas Borba havia entregado o homem de pés e mãos amarrados à cega incoerência da vontade de viver, se completa no *Esau e Jacó* pela negação desta mesma vontade, no balé metafísico de Flora entre os dois irmãos. E o espírito volta para o limbo de que havia saído, para os limites entre bem e mal, reto e torto, justo e injusto e, sobretudo, razão e loucura. Esta volta é o grande truque de Machado, sempre renovado, como uma espécie de eterna recorrência. O seu gosto é apresentar um problema insolúvel e, em vez de tentar resolvê-lo, vesti-lo de paradoxos e retirar-se discretamente, deixando o leitor sozinho. Como não há, na sua retirada, desespero nem dor (pois que se retira justamente para evitá-los, ao contrário dos romancistas da raça de Dostoiévski, que permanecem no campo debatendo-se, ensanguentados), resulta aquele sentimento de achincalhe que envolve o próprio impulso vital como um ríctus do escritor reticencioso e felino. (CANDIDO, 2017, p. 8-9)

A citação é propositadamente longa, pois não há como ignorar o tom de reproche que acompanha as palavras. O mal-estar é patente. O homem machadiano teria mergulhado em águas mais profundas que a do próprio Schopenhauer, pois se com o humanitismo ele tinha salvaguardado a vontade de viver, ainda que cega e incoerente, como aparece no filósofo de Danzig, em *Esau e Jacó* ele teria chegado até o niilismo. Embora o termo não apareça, este seria um dos temas do citado Dostoiévski, com a ressalva de que este preservaria certa dignidade ao homem, por meio de seu sofrimento. Isso fica evidente no parágrafo seguinte, quando menciona a “subversão de valores” operada por Machado, que seria um “dos negadores mais completos que se conhece” (p. 9).

O que parece incomodar o jovem Candido é o descaso de Machado com as condições sociais e seu interesse apenas pelas qualidades permanentes, eternas. O penúltimo parágrafo é lapidar e por isso o transcrevo:

Os naturalistas e realistas do século XIX (Balzac e Stendhal incluídos) eram excessivamente sociológicos, na medida em que todos eles estudaram o homem

como fruto de um choque entre a consciência e a existência social – uma desarmonia de natureza temporal, em suma. Machado transcende esta condição por assim dizer histórica; não estabelece condições segundo as quais o homem é assim ou assado; toma-o como fatal e eternamente assim. (CANDIDO, 2017, p. 10)

A segunda nota deste texto não tem relação direta com Machado, mas por contraste ilumina o que Candido não encontrou, que é a consciência de classe, “que convém sobretudo às classes oprimidas quando descobrem a relação verdadeira que as situa ante as classes opressoras” (p. 10). É por isso que, ao ler as perspectivas críticas de Antonio Candido, mas também de Faoro, Schwarz, Bosi etc., não nos deparamos somente com Machado, mas também com as *proposições de mundo* desses intérpretes.

Para concluir

O que se percebe no processo de formação do Candido leitor de Machado é o modo como ele fissa a obra machadiana para encontrar, nas camadas mais profundas, as contradições que inibem uma interpretação mais fechada, menos porosa, como a que ele mesmo houvera realizado em sua juventude. Repare-se que a nota de Candido, apesar de brevíssima, não é desautorizada pelo texto machadiano, uma vez que é possível encontrar esse homem niilista que Candido apressadamente pinta, embora não só, embora não integralmente, já que se relaciona com outros aspectos presentes na diversidade de imagens, pensamentos e recursos de estilo de sua obra.

Desse modo, pode-se conjecturar que Machado de Assis torna-se cada vez mais multifacetado à medida em que se ampliam os exercícios interpretativos sobre ele. A multiplicação de perspectivas de sua fortuna crítica, e o modo como elas dialogam umas com as outras, contribuem para que a obra renove sua atualidade. E, longe de esgotar as possibilidades de sentido, os estudos hermenêuticos e de recepção, como os que efetuou Candido em “Esquema”, e mais recentemente Seixas Guimarães (2004, 2017), tornam a obra machadiana cada vez mais indefinível, ou mais aberta se se preferir.

Referências

- ALMEIDA, Rogério de. *O imaginário trágico de Machado de Assis*. São Paulo: Képos, 2015.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. Brasília: Martins; Instituto Nacional do Livro, 1972.
- ASSIS, Machado de. *Contos de Machado de Assis*, v. 3: filosofia. Organização de Koão Cesar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões – estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BOSI, Alfredo. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. in: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio. “Duas notas” e “Prefácio de um livro”. Apresentação de Ieda Lebensztayn. *Machado de Assis em Linha*. São Paulo, v. 10, n. 21, p. 3-15, Agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mael/v10n21/1983-6821-mael-10-21-0003.pdf>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.
- CALDWELL, Helen. *O Otelô brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.
- CARREIRO, Jason Manuel. Sobre filosofia e literatura: Machado de Assis e Nietzsche, filhos de sua época. *Sapere Aude*. Belo Horizonte, v.3, n.5, p. 66-81, 1º sem. 2012.
- COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin; Edusp, 2004.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê*. São Paulo: Editora da UNESP, 2017.
- HANSEN, J. Adolfo. Machado de Assis. In: ZSCHIRNT, Christiane. *Livros: tudo o que você não pode deixar de ler*. São Paulo: Globo, 2006. p. 344 a 376.
- MOTTA, Gilson. Uma abordagem do trágico no conto “O espelho”, de Machado de Assis. *Revista Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 6, ano 6, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Como alguém se torna o que é. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis: com uma antologia filosófica de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto; GIANOTTI, José Arthur; OLIVEIRA, Francisco de et al. Machado de Assis: um debate. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 29, pp. 59- 84, mar. 1991.